

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

LEONARDO AGOSTINHO MILANI

**Operações urbanas no centro de São José dos Campos: Transformação e
segregação na paisagem urbana através da criação de consensos.**

SÃO PAULO

2018

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

LEONARDO AGOSTINHO MILANI

8578170

**Operações urbanas no centro de São José dos Campos: Transformação e
segregação na paisagem urbana através da criação de consensos.**

Trabalho de Graduação Individual apresentado ao
Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientado por: Prof.^ª Dra. Glória da Anunciação Alves

SÃO PAULO

2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais pelo amor e apoio incondicional em todos os anos de graduação, pelo incentivo nos momentos difíceis e por todos os esforços que realizaram neste período. Por me apoiarem desde o dia que escolhi a geografia, muito obrigado!

Agradeço a professora doutora Gloria de Anunciação Alves, minha orientadora, pela paciência neste processo, pela excelente instrução e por sempre compartilhar seus conhecimentos comigo.

Agradeço ao meu irmão mais velho, Lucas Milani, por ter me acolhido tão bem em São Paulo, por ter me ensinado a crescer como pessoa e ter sido além de um “pai”, um parceiro diário nesse desafio. Oss!

Agradeço a minha irmã caçula, Laís Milani, por ser sempre minha melhor amiga e meu exemplo de dedicação aos estudos.

Agradeço a minha amiga e companheira, Lais Berbert, pelo enorme carinho que tem por mim, por ter sido meu ponto de equilíbrio e paz em todo esse percurso e por ser meu maior exemplo de força na vida.

Agradeço aos meus amigos/irmãos de infância, os quais sempre torceram por mim e me apoiam diariamente em todas as esferas da minha vida. A vocês, Thiago, Bruno, Caio, Castro, Baklos, Wendell, Wesley e Felipe, obrigado.

Agradeço ainda aos meus queridos parceiros que a universidade me proporcionou, por terem sido meus companheiros de graduação e terem se tornados amigos para a vida. Obrigado a vocês: Robinho, Murilo, Fernandão, Cainho, Tito e Thiagão.

Por último, agradeço aos meus amigos de time por todos os bons e maus momentos que passamos juntos, dentro e fora de quadra. Levarei vocês comigo sempre: Funchal, Alan, Only, Galvão e Valber.

RESUMO

Os projetos de requalificação das áreas centrais são comumente processos contraditórios na medida em que buscam tornar alguns locais das cidades mais atrativos para uma parcela da população em detrimento da expulsão de outra parcela, esta segunda mais pobre e de menor poder aquisitivo. Em suas justificativas, os projetos são apoiados em consensos habituais como preservação ambiental, segurança, valorização do patrimônio cultural, entre outros, criados para normalizar as ações do poder público garantido apoio populacional. Entretanto, muitos destes projetos acabam por transformar a paisagem urbana causando uma segregação socioespacial. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar as obras propostas e executadas no centro da cidade de São José dos Campos, destacando os consensos utilizados nas justificativas dos projetos.

Palavras-chave: Centro, consenso, São José dos Campos, Banhado

ABSTRACT

The redevelopment projects in the central areas are usually contradictory processes in that they seek to make some cities' places more attractive to a portion of the population to the detriment of the expulsion of another one, the latter poorer and with lower purchasing power. In their justifications, the projects are supported by common consensuses such as environmental preservation, security, valuation of cultural heritage, among others, created to normalize the actions of public power to guarantee population support. However, many of these projects end up transforming the urban landscape, causing socio-spatial segregation. Thus, the objective of this work is to analyze the works proposed and executed in the downtown of São José dos Campos, highlighting the consensuses used in the justifications of the projects.

Keywords: Downtown, consensus, São José dos Campos, Banhado

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E AS CARACTERÍSTICAS DO CENTRO DA CIDADE.....	11
1.1. Apresentação	11
1.2. Histórico.....	11
1.3. Características do Centro.....	16
2. AS OBRAS DE REVITALIZAÇÃO DO CENTRO E SEUS RESULTADOS.....	19
2.1. Centralidade Urbana.....	19
2.2. Projeto Novo Centro.....	20
2.3. Análise das obras.....	25
3. DIREITO AO CENTRO DA CIDADE BASEADO EM CONSENSOS.....	33
3.1. O Projeto Via Banhado.....	33
3.2. Comunidade Jardim Nova Esperança.....	34
3.3. Consensos, contradições e segregação socioespacial.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

INTRODUÇÃO

São José dos Campos, considerada informalmente como a capital da região do Vale do Paraíba, tem suas origens no século XVII como aldeia, dentro da concepção política colonial de aldeamento da coroa Portuguesa, que juntava no mesmo local indígenas e jesuítas. Primeiramente, com o nome de São José do Parahyba (nome ligado ao rio Paraíba do Sul que corta a região), manteve sua posição de aldeia até ser elevada à condição de vila no século XVIII, onde apesar da pobreza encontrada na vila, possuía destaque na produção de algodão. Posteriormente, no século XIX, a vila passa à categoria de cidade e atravessa dois momentos distintos: O desenvolvimento agrícola apoiado na produção cafeeira e a criação da estância climática ligado ao bom clima da região da cidade. No primeiro momento, apesar da região do Vale do Paraíba ter abrigado grandes barões do café e experimentado os tempos áureos de sua produção, como ocorreu no caso do município de Taubaté, a cidade de São José dos Campos não teve grande influência nesse cenário. O pequeno progresso ligado ao café existiu, porém somente no início século XX. Devido sua posição estratégica entre São Paulo e Rio de Janeiro é que a cidade atrai as primeiras indústrias como a Laticínios Vigor e a Tecelagem Parahyba. A concentração populacional, entretanto, tem início no segundo momento denominado de fase sanatorial.

Tendo início no século XX, a fase sanatorial de São José dos Campos foi um período em que a região do Vale do Paraíba, devido às boas condições climáticas como um ar menos poluído do que os ares encontrados na grande cidade de São Paulo e Rio de Janeiro, um clima mais ameno e boa qualidade da água, começa a atrair pessoas que buscavam tratamento contra doenças respiratórias. Com o foco entre as cidades de São José dos Campos e Campos do Jordão, os pacientes oriundos principalmente da metrópole paulista começam a se instalar no Vale do Paraíba.

No início desse período a cidade de São José dos Campos conheceu pela primeira vez o conceito, introduzido ao seu, ainda no início, processo de concentração populacional, intervenção urbana. Por meio do destaque adquirido pela instalação de diversos serviços para atender as pessoas portadoras de doenças respiratórias, como a tuberculose pulmonar, as primeiras políticas públicas

de intervenção na paisagem urbana surgiram com o objetivo de delimitar áreas na cidade que pudessem favorecer o tratamento dos pacientes dessa doença a fim de organizar o espaço joseense que também convivia com as primeiras indústrias presentes na cidade. Dessa forma, um “pacote de modernização” foi proposto à cidade que contava com medidas como: bairros planejados, dividindo-se nos bairros mais industriais e bairros distantes desse núcleo que foram instalados os sanatórios e as estruturas de saúde; como o alargamento das principais avenidas da cidade, uma intensa limpeza das ruas e locais públicos de maior concentração para evitar a proliferação da doença, além do investimento do Estado que ao transformar a cidade em estância climática e hidromineral, pois além do clima ameno e propício para uma melhor qualidade de vida, contava com uma boa fonte natural de água; a municipalidade investe nas novas estruturas e organização espacial.

Em primeiro momento, as intervenções urbanas que surgiram por meio de uma “motivação” ligada à saúde de uma população vinda de fora, ou seja, buscando tratamento dentro da cidade de São José dos Campos, tiveram um caráter de aparente benefício social. Os bairros planejados que separavam as indústrias das residências e dos locais de saúde juntamente com a limpeza das ruas tinham como justificativa contribuir para a manutenção da “boa qualidade” dos espaços públicos utilizando, no discurso municipal, os doentes como principais beneficiados dessa situação. Entretanto, a partir dessa fase é possível perceber uma segregação espacial na cidade onde ficaram espaços separados e diferenciados entre os doentes, que se aglomeravam em bairros mais pobres e com predominância de operários e o centro mais higienizado e de maior “segurança social”, justificativa muito presente nesse discurso.

Sabemos que a urbanização capitalista possui um caráter de segregação social que, apoiada principalmente em consensos sanatoriais e de segurança pública, esteve muito presente no período industrial do século XX em diversas cidades. Hoje ainda, ela se revela, por diversas vezes, como mais uma face da produção capitalista (Harvey, 2012), de reprodução do espaço. A realidade urbana atual principalmente nas grandes metrópoles é de intensa saturação dos espaços passíveis de expansão, dessa forma, o capital imobiliário na falta de novos lugares da cidade para expansão, “reutiliza” espaços apoiado em processos como

valorização imobiliária, requalificação de áreas centrais, criação de parques planejados, etc.

A área central de São José dos Campos (figura 1) possui características que são tipicamente encontradas nos centros de grandes cidades. A ocupação por comércio e serviços é intensa, contrastando com uma singela atividade residencial, além da ocupação por instituições (financeiras, educativas, religiosa, etc). A atratividade da região central gera um fluxo diário da população com intenso tráfego automotivo e de pedestre. Dessa forma, a prefeitura do município, em 2015, propôs um novo “pacote” de intervenção urbana nessa região com a justificativa de melhorar o fluxo do tráfego automotivo, além de se transformar em um espaço mais acolhedor e seguro para as pessoas (São José dos Campos, 2016).



Figura 1: Centro de São José dos Campos. (Fonte: Plano de Mobilidade Urbana de São José dos Campos, 2015)

Sendo a área central da cidade de São José dos Campos um local de encontro de diversos setores sociais que diariamente reafirmam sua relação com o local, pelo trabalho, pelo lazer, pela moradia ou pelas vias de passagem a outros lugares, trás para as mudanças propostas pelo poder público nessa região uma reflexão necessária no sentido de compreender o que e/ou a quem elas afetam. Os debates nas reuniões promovidas pela prefeitura para a aprovação do Plano diretor incluíam: análise das paisagens construídas pela nova ideia de arquitetura pública que modificam também o caráter econômico dos comércios locais, o “direito” ao uso público das novas estruturas de lazer e de passeio e o caráter social da população

que se encontrava/encontra no local, questão do direito a moradia no centro da cidade e a ideia de expropriação das casas mais populares em detrimento de uma “requalificação” local que encarece o aluguel dos imóveis ou ainda a expulsão de pessoas pela razão de preservar áreas ambientais protegidas mas que são áreas “passíveis” de comportar uma operação urbana de construção de uma via expressa. Essas foram as discussões presentes nos debates sobre os projetos que modificam a paisagem e estrutura das cidades. Desta forma, o presente trabalho tem como objetivo principal a reflexão sobre essas obras de intervenções urbanas propostas pelo poder público nessa área central do município de São José dos Campos sob a ótica das mudanças sociais que ela traz e mudanças que ela se propõe a trazer no momento de seu planejamento. Utilizando como estudo de caso o bairro Jardim Nova Esperança, localizado no centro de uma das obras de intervenção urbana, o trabalho possui ainda como objetivo verificar como a apropriação de consensos é utilizada para justificar à população possíveis danos socioambientais na execução dos projetos.

Baseado em leituras de autores como Harvey, Alves e Arantes, este trabalho buscou analisar as intervenções urbanas aplicadas e propostas pela prefeitura de São José dos Campos na área central da cidade, bem como os motivos utilizados para justificar tais intervenções. Por meio de pesquisa de campo, foi possível observar a atual situação das áreas modificadas, o andamento das obras ainda não concluídas e ouvir a população que frequenta a região central.

No primeiro capítulo são apresentados o município e a caracterização do centro da cidade, local de ação das intervenções urbanas. No segundo capítulo serão mostrados os projetos em conclusão, as obras que já concluídas e suas mudanças na paisagem urbana, bem como as expectativas alcançadas ou não com as obras pela população e pelos objetivos descritos no projeto da prefeitura. O terceiro capítulo destaca a operação urbana denominada Via Banhado, que prevê um corredor de quatro quilômetros que ligará a região Norte á Oeste da cidade pelo Centro, passando dentro de uma área de proteção ambiental e que interfere na moradia do bairro Jardim Nova Esperança localizado na área e como a possível desapropriação do bairro passa pelos consensos estabelecidos na justificativa do projeto da via.

1. SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E AS CARACTERÍSTICAS DO CENTRO DA CIDADE

1.1 Apresentação

São José dos Campos é um município do Estado de São Paulo que compõe a Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte (RMVPLN), distante a 94 km da capital paulista. Possui uma área total aproximada de 1100 km², onde 354 km² constituem a zona urbana e os 756 km² restantes, a zona rural. Composto por três distritos sendo: São Jose dos Campos (sede), São Francisco Xavier e Eugênio de Melo.

Localizado no planalto atlântico rodeado pela Serra da Mantiqueira e a Serra do Mar, predomina-se o relevo dos mares de morro no município, que é ainda, complementado por uma hidrografia onde se destacam os rios Paraíba do Sul, Jaguari e Buquirá.

Segundo o censo de 2010 realizado pelo IBGE, a população da cidade era de aproximadamente 630 mil habitantes (com expectativa de ter ultrapassado os 703 mil habitantes em 2017) sendo dessa forma a mais populosa de sua região metropolitana e ocupando o sétimo lugar dentro do Estado de São Paulo. A economia do município é pautada principalmente pelo setor secundário devido à presença de grandes indústrias instaladas, com destaque para a Embraer, Johnson & Johnson, Panasonic, General Motors, e complementada pela relevante participação do comércio. Por comportar grandes indústrias, possui o maior produto interno bruto (PIB) da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte se estabelecendo como quadragésimo oitavo maior dentro do Estado de São Paulo, segundo dados de 2010 do IBGE.

1.2 Histórico

A história enraizada e difundida a respeito da fundação da cidade de São José dos Campos esteve sempre atrelada a figura do Padre José de Anchieta e do povoado por ele estabelecido com os indígenas Guaianases, da região por meio das

expedições jesuíticas sob comando da coroa portuguesa no século XVI. O brasão oficial da cidade difunde e acompanha essa teoria histórica trazendo em seu desenho o brasão do padre Anchieta junto com outras simbologias que o compõem. Entretanto, existem outras vertentes teóricas a respeito da fundação da cidade e a partir de 2010, com um estudo proposto pelo Núcleo de Pesquisa Pró-Memória São José dos Campos da Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP), foi possível concluir que há poucos registros a respeito da fundação pelo Padre José Anchieta e muitos documentos que corroboram para a principal origem da cidade estar atrelada à iniciativa do Padre jesuíta Manuel de Leão de transferir os índios de uma fazenda de gado que pertencia a Companhia de Jesus para uma nova localidade, onde teria sido fundada a aldeia São José, por volta de 1680.

Em 1755, com o objetivo de enfraquecer e retirar o poder dos jesuítas nas aldeias portuguesas, Marquês de Pombal estabelece uma nova política e assina o Diretório dos Índios, que passou a tutela dos povos indígenas dos jesuítas para o Estado. A partir desse momento, os indígenas passaram a ser “civilizados” e integrantes da sociedade colonial, na visão do Estado. Tal promulgação acarretou na expulsão dos jesuítas em 1759 e, principalmente, iniciou um processo de proliferação de novas Vilas durante o reinado de Dom José I, onde se estima que 57 povoados ou aldeias foram elevadas a essa nova condição. (AZEVEDO, 1956).

No Estado de São Paulo, houve outro aspecto importante que influenciou na proliferação de vilas além do Diretório dos Índios, que foi o interesse do governo paulista na militarização do Estado para fazer frente às invasões espanholas em terras portuguesas. O governo entendia que, ao se tornarem Vilas, era possível centralizar os poderes locais em Câmaras Municipais que agiram de forma a colocar, a serviço da Coroa Portuguesa, a população paulista, seja pelo recrutamento perante o exército ou por meio de confiscos de bens em nome do rei. Nesse cenário, e como prevenção contra a despovoação, em 27 de julho de 1767, a aldeia de São José do Parahyba foi elevada à condição de Vila.

A diante, no início do século XIX, a região do Vale do Paraíba se estabelece como importante centro produtor de café. Tendo iniciado o processo na região Fluminense, se espalha sentido a cidade de São Paulo e diversas cidades do Vale experimentam o grande crescimento proporcionado pela cafeicultura, se

estabelecendo desde Areias, Lorena, Bananal e Guaratinguetá até Pindamonhangaba e Taubaté. Muitas dessas cidades abrigaram grandões barões do café, com poderes políticos locais e uma quantidade expressiva de escravos em suas fazendas que compunham a paisagem da região. Em São José dos Campos, no entanto, os poderosos do café não se consolidaram e a cidade teve inexpressiva participação na produção econômica deste período, se resumindo a pequenas fazendas produtoras onde raramente era possível observar um número acima de quinze escravos trabalhando dentro delas. A cidade experimentou um pequeno progresso de sua economia devido ao café e a produção de algodão, mas era resumida nas fazendas agropecuárias e não possuía grandes expectativas.

No inicio do século XX, São José dos Campos vive seu primeiro período de maior desenvolvimento em infraestrutura, maior crescimento urbano e procura por pessoas de outras cidades e Estados. Este período conhecido como fase sanatorial tem início graças às características climáticas da cidade, onde muitos tisiólogos da época acreditavam que era possível obter maiores chances de cura para a tuberculose se os doentes fossem tratados no município joseense. A cidade de Campos do Jordão, outro município do Vale do Paraíba, próximo a São José dos Campos, possuía, desde o século XIX, uma fama considerável no tratamento da tuberculose e uma alta taxa de pacientes curados após se hospedarem por lá. Há registros de escravos que trabalhavam nas fazendas da região do Vale no período do café, que ao contraírem a doença eram mandados subir a serra em direção a Campos do Jordão e retornavam curados podendo prosseguir nas tarefas da fazenda (PRINCE, 2010, p. 313, apud PAULO FILHO, 1986, p.320).

Neste sentido, influenciadas pela ideia de clima com “ares melhores” e fortes tendências curativas, muitas pessoas buscaram tratamento em ambas as cidades. São José dos Campos era considerada mais acessível e com uma melhor adaptação ao seu clima, mais ameno, pelas pessoas de fora, visto que Campos do Jordão, por se localizar a mais de 1600 metros de altitude acima do nível do mar, possui um clima bastante frio com médias anuais que giram em torno dos 14º C. Além do clima, o município joseense atraia, também, por sua localização no eixo entre Rio de Janeiro e São Paulo, dois grandes centros econômicos que começavam a demonstrar sinais de saturação urbana. A partir deste fluxo de

pessoas que chegavam à cidade neste período, tornou-se evidente uma demanda de novas infraestruturas que comportassem o novo contingente de pessoas, inclusive, novas instalações de saúde como prioridade, para o atendimento e cuidado prolongado, dos viajantes, que exigia o tratamento da tuberculose.

Os primeiros sanatórios da cidade foram pensados nas primeiras décadas de 1900, mas contrapunha duas correntes contrárias da cidade que pensavam o desenvolvimento econômico de formas diferentes. Uma das correntes pensava a ideia de construir sanatórios como forma de aceitar a condição de estação de tratamento que a cidade havia começado a ganhar, afirmando que desta forma seria possível colocar a cidade em evidência e consequentemente trazendo novas desenvolturas ao município. A outra corrente era contrária à construção dos sanatórios, pois achavam que a cidade acabaria por ser “invadida” pela tuberculose que, na época, gerava ainda muita preocupação e preconceito para com os portadores da doença; propondo, desta forma, um processo de desenvolvimento que deveria passar pelo incentivo à industrialização. Apesar das divergências no âmbito político, é possível afirmar que houve um comum acordo entre as duas vertentes, visto que em 1920 foi proposta uma resolução que cedia isenção de impostos juntamente com cessão de terrenos para se instalar indústrias na cidade e, na mesma década, em 1924 foi inaugurado o Sanatório Vicentina Aranha. (DIAS, 2000).



Foto 1: Inauguração do Sanatório Vicentina Aranha, 1924. (Fonte: Acervo online Parque Vicentina Aranha. <http://www.pqvicentinaaranha.org.br> Acesso em 10 de setembro de 2018)

Com a construção do Sanatório Vicentina Aranha que viria a se tornar o mais importante deste período, outros sanatórios foram construídos na cidade assim como novas pensões que pudessem receber tantos as pessoas que buscavam tratamento, com seus familiares que os acompanhavam, quanto os próprios médicos, farmacêuticos e novos comerciantes que eram encontrados neste fluxo que chegava a cidade. Todo esse contingente de pessoas novas na cidade trouxe maior aporte financeiro e domínio de técnicas (afinal, muitos dos pacientes, que tinham origem principalmente nas grandes cidades da época, possuíam ocupações e conhecimentos técnico-científicos), pois mesmo após terminarem o tratamento e estarem recuperados, mantiveram relações com a cidade, permanecendo em solo joseense, além de contribuírem para uma prosperidade do comércio local, impulsionado também pela chegada de novos comerciantes.

No ano de 1935, houve a transformação da cidade que foi elevada a categoria de Estância Climática garantindo assim maior investimento do governo do Estado de São Paulo no município, aplicando e melhorando obras de infraestruturas como no serviço de distribuição de água, rede de esgotos, além de implantar uma maior limpeza das ruas, principalmente as do centro da cidade.

Dando início ao desenvolvimento industrial do Vale do Paraíba, a instalação da Companhia Siderúrgica de Volta Redonda, em 1940 e a inauguração da Rodovia Presidente Dutra, em 1951, contribuíram para a aceleração deste processo. O grande impulso deste momento foi a criação do Centro Técnico de Aeronáutica (CTA) e o Instituto Técnico Aeroespacial (ITA), em 1946 e em 1950 respectivamente, ambos instalados em São José dos Campos. As criações destas duas unidades, somadas a Rodovia Presidente Dutra, estimularam a chegada de várias indústrias que proporcionaram o desenvolvimento da região e principalmente do município joseense.

1.3 Características do centro

Comumente os centros das cidades são estabelecidos, pelo processo histórico de formação, por serem os locais onde elas nasceram e, consequentemente, cresceram em torno dele. Entretanto, muitas cidades possuem o seu marco inicial em um local e estabelecem seu centro em outro, como é o caso de São José dos Campos. O primeiro povoado, que deu origem à cidade, que foi criado por meio da transferência dos indígenas de uma fazenda de gado, pelo padre jesuíta Manuel de Leão, para uma nova localidade, se estabeleceu em uma área próxima ao que hoje é o limite de município entre São José dos Campos e a cidade de Jacareí, muito distante do atual centro do município joseense.

A ocupação da área central se dá em um segundo momento com instalações e estruturas que são típicas dos centros das cidades. Atualmente, o centro de São José dos Campos possui características comuns a essas áreas em diversas cidades. Possui forte presença de comércio e serviços, com instituições financeiras e de saúde além de órgãos da prefeitura. A presença de residência é baixa e com pouca verticalidade. Essa presença aumenta se considerarmos o centro expandido que abrange bairros mais residenciais como a Vila Ema e Vila Adyana, entretanto, o centro popular se restringe a pouca presença de residências e se limita nas áreas próximas à igreja matriz, ao calçadão e adjacências e a orla do banhado.



Foto 2: Calçadão de lojas localizado no centro de São José dos Campos. (Fonte: Prefeitura, 2017).

Por se tratar de uma região com forte comércio popular, impulsionados, principalmente, pelo calçadão e o mercado municipal, e forte presença de estabelecimentos prestadores de serviços, possui grande fluxo de pessoas nos horários comerciais. A frota de transporte público é de grande quantidade para a região, tanto de ônibus quanto de vans comunitárias; há ainda presença do terminal central (antiga rodoviária da cidade) e de grandes avenidas que ligam outras regiões da cidade. Há o esvaziamento do centro após o horário comercial, pois as lojas e serviços fecham e não há grandes atrações na região central no período noturno, se resumindo a poucos estabelecimentos abertos como o restaurante Habibs (localizado entre a Praça Afonso Pena, local muito frequentado durante o dia, e a orla do banhado), alguns bares menores e igrejas. O tráfego de veículos, durante o dia, é intenso sobretudo próximo ao calçadão e a orla do banhado e há também uma grande diluição no trânsito de automóveis no período noturno ainda que não cesse por completo.



Foto 3: Banhado contíguo ao centro urbano da cidade. (Fonte: Jornal O Vale, 2015).

Ainda no centro da cidade se localiza o Banhado, considerado o cartão postal mais bonito e emblemático de São José dos Campos. A bela paisagem do Banhado é formada por uma extensa planície aluvial anexada ao centro urbano da cidade, possuindo um declive acentuado e se estendendo até uma das margens do rio Paraíba do Sul. A grande área verde abriga um grande contingente da vida silvestre e possui uma reserva de biodiversidade da floresta primária que existia nesta área do município. São possíveis de serem encontrados diversos pássaros, além de cachorros do mato, tatu, lagartos, cobras, entre outros animais selvagens, se consolidando, dessa forma, como famoso ponto de apreciação da natureza pelos moradores. Desde meados da década de 30, o Banhado também abriga a comunidade Jardim Nova Esperança (conhecida popularmente como Favela do Banhado), apesar das diversas pressões do poder público para que seus moradores deixem o local.

2. AS OBRAS DE REVITALIZAÇÃO DO CENTRO E SEUS RESULTADOS

2.1 Centralidade urbana

A fim de entender como se estabelece uma centralidade dentro do contexto urbano, podemos citar Lefebvre (2008, p.90) quando o autor afirma que “Não existe cidade, nem realidade urbana sem um centro. Mais que isso, o espaço urbano, é um espaço onde cada ponto, virtualmente pode atrair para si tudo o que povoa as imediações: coisas, obras, pessoas.”.

A cidade em sua porção urbana se apresenta de forma segmentada e desigual pela concentração ou escassez de atividades que dão aos diferentes espaços dela um maior ou menor poder de articulação. Dessa forma, esses espaços “poderosos” exercem sobre o restante da área urbana uma atração, constituindo uma centralidade “capaz de gerar e manter fluxos (de pessoas, capitais, mercadorias, etc); e não apenas concentrar determinados fixos” (OLIVEIRA JÚNIOR, 2008). Comumente, os centros das cidades possuem uma maior disponibilidade de serviços e atividades capazes de atrair um contingente populacional e de mercadorias. No município joseense, este quadro se reflete muito por conta das diversas instituições financeiras encontradas no centro, os diversos serviços oferecidos, assim como a consolidação do comércio popular através do calçadão.

Ainda como definição de centralidade, Corrêa (1994, p.21) afirma que “A centralidade de um núcleo, refere-se ao grau de importância de suas funções centrais: maior o número delas, maior a sua região de influência, maior a população externa atendida pela localidade central e maior a sua centralidade.”. Pode-se afirmar que a centralidade formada a partir da região do Centro de São José dos Campos se expande para outras regiões da cidade, se consolidando como uma área de interesse de grande parcela da população joseense.

2.2 Projeto Novo Centro

Desde a consolidação de sua área, a região central de São José dos Campos possui, historicamente, importante papel na dinâmica socioeconômica da cidade. Na considerável Fase Sanatorial vivida pelo município, grande parte das estruturas construídas para atender a demanda existente neste período se encontravam no centro da cidade como os grandes casarões que serviram como hospedagem para a população oriunda de diversas regiões do Brasil, além dos sanatórios construídos que atendiam os pacientes afeitos à tuberculose. As ruas utilizadas para circulação entre estas estruturas na região central precisavam ser constantemente limpas a fim de diminuir a poeira levantada ao ar, além de terem sofrido um alargamento de sua via de passagem, dando lugar a avenidas, para um melhor escoamento do fluxo de transporte, de pessoas e de mercadorias que diariamente transitavam nesta área (FRAGA e ROQUE, 2010).

O mercadão juntamente com a antiga Igreja de Nossa Senhora Aparecida (desde 2007 abriga o Museu de Arte Sacra) compunham o antigo Largo do Mercado nos anos 30, importante local de encontro onde se reuniam praticamente todas as classes sociais, urbana e rural, em festividades e compras (Acervo Online Mercadão). A Igreja Matriz e o Cine Teatro São José (desde 1980 abriga a Biblioteca Pública Municipal), grandes atrativos à elite econômica da época, que se instalavam próximos a estas edificações (FERNANDES, 2010), também compuseram a rotina movimentada do centro, além dos diversos comércios que surgiram ao longo dos anos, principalmente pós década de 30 e 40, dando as características gerais do atual cenário da região.

Ao final da Fase Sanatorial e início do mais significativo processo de industrialização do município, o esvaziamento do centro da cidade se torna evidente, principalmente no aspecto das residências encontradas na área central. A elite joseense, que inicia seu deslocamento ao fim da década de 20, encontra novas regiões de interesse (Zona Oeste) enquanto a população no geral acompanha o movimento das novas indústrias que surgem na década de 50, novas regiões com ofertas de moradia popular (Zona Sul) assim como o traçado da Rodovia Presidente Dutra. O centro da cidade, portanto, manteve um caráter comercial adquirindo novas ofertas de serviços que acompanharam o desenvolvimento tecnológico da cidade

como um todo, se consolidando como uma região dominada por este setor econômico, de fluxo muito intenso em seu horário comercial e bastante esvaziado no período noturno.

A partir destas questões, o centro de São José dos Campos, esteve sempre na mira de diversas propostas de intervenções estruturais e paisagísticas que carregavam justificativas recorrentes para suas realizações. No início de dezembro de 2015, a Prefeitura da cidade apresentou o Projeto Novo Centro, um pacote de obras que dariam continuidade em outras intervenções iniciadas e concluídas, desde 2013, em pontos específicos da região central para a requalificação desta área. O Projeto Novo Centro foi apresentado alinhado ao Plano de Mobilidade Urbana (2014) seguindo “(...) conceitos já aplicados em cidades de primeiro mundo na questão de mobilidade e valorização das pessoas.” (PREFEITURA, 2014) tendo o novo projeto com os objetivos de: “melhorar o tráfego na região e aumentar o movimento de pessoas no local durante o período noturno e também aos finais de semana, horário em que as lojas estão fechadas.” (PREFEITURA, 2015).

O Projeto Novo Centro possui seis pontos de intervenção dentro da região central: A Rua Rui Dória em encontro com a Avenida São José na altura do Cine Teatro Benedito Alves; a travessa João Dias, a Praça Padre João, as Avenidas São José e Madre Tereza, a Avenida 9 de Julho e o entorno do Parque Vicentina Aranha, sendo as duas ultimas intervenções na área considerada como centro expandido que possui características diferentes da principal área central.

Na Rua Rui Dória foi implantado um boulevard no ponto de convergência com a Avenida São José, uma das principais do centro de São José dos Campos. A calçada foi alargada com o objetivo de criar um espaço gourmet, nas proximidades do Cine Teatro Benedito Alves (espaço que também passou por um processo de revitalização) na tentativa de, segundo descrito no projeto da prefeitura, trazer movimentação noturna ao local. O projeto ainda implantou, de frente ao Cine Teatro, um chafariz de piso com jogos de água e luz.



Figura: Alguns pontos revitalizados na área central de São José dos Campos. (Fonte: Milani, 2018)



Foto 4: Boulevard criado pelo alargamento da calçada na Rua Rui Dória, próximo ao Cine Teatro Benedito Alves. (Fonte: Milani, 2018)

A travessa João Dias recebeu nivelamento do local de passagem assim como um novo “layout” de pisos, bancos de descanso, nova iluminação e jardim de conceito paisagístico. Segundo consta no projeto da prefeitura, o objetivo seria tornar este local de passagem como principal corredor de acesso do centro aos pedestres, ligando a área comercial com a Avenida São José.



Foto 5: Travessa João Dias durante o dia. Ponto de passagem entre a Avenida São José e a área comercial do centro de São José dos Campos. (Fonte: Milani, 2018)

Na Praça Padre João também foi realizado o nivelamento da área de passeio junto com novos mobiliários urbanos e nova iluminação. O projeto previa a recuperação do chafariz presente na praça assim como jogo de luzes, entretanto, não foram realizadas tais medidas até o momento. A Praça Padre João se configura em considerável ponto de passagem e encontro na região central de São José dos Campos. Neste eixo se interligam importantes pontos do centro como a Avenida São José, o Terminal Central, o Mercado Municipal e o calçadão.

As Avenidas São José e Madre Tereza são as vias que contornam e delimitam a orla do Banhado, sendo as principais rotas de acesso e saída desta área central. Desta forma, as intervenções propostas e realizadas ao longo de suas

extensões, configuram, talvez, as mais importantes para atingir os objetivos descritos no projeto da prefeitura. A área de intervenção ultrapassa 1 km de extensão, pegando quase as duas avenidas em suas totalidades. Foram implantados bancos e decks de contemplação voltados ao Banhado a fim de atingir uma “requalificação dos passeios”, iluminação com barras de LED para atender a população no período noturno, ciclovia, base de apoio da Guarda Civil Municipal além de dois quiosques alimentícios. Todo este aparato tem como intenção “(...) incentivar o uso do local também no período noturno e aos finais de semana.”. (PREFEITURA, 2015).



Figura: Extensão da Avenida São José onde as obras foram instaladas. (Fonte: Milani, 2018)



Foto 6: Visão da ciclovia e dos bancos de descanso voltados para o Banhado ao fim do dia. Em segundo plano o trânsito após o horário comercial. (Fonte: Milani, 2018)

2.3 Análise das Obras

Para uma análise mais completa das intervenções executadas pelo poder público no centro da cidade, foi necessário visitas de campo em diferentes dias e horários. Abrangendo o período diurno, o horário de encerramento das atividades comerciais e o período noturno, foi possível constatar alguns aspectos relevantes sobre as obras e seu funcionamento esperado, de acordo consta no Projeto, no retorno à população que frequenta ou deveria frequentar a região central de São José dos Campos.

Durante o período diurno, os comércios e serviços funcionam normalmente, atendendo a população oriunda das diversas regiões da cidade. O tráfego de ônibus e vans coletivas é intenso principalmente no Terminal Central e em ruas adjacentes assim como o grande fluxo de pedestres. Nas Avenidas São José e Madre Tereza, principais rotas de saída do Terminal Central e do centro, o grande contingente de veículos alterna, durante o dia, picos de fluxo mais sobre carregado e de fluxo mais diluído, porém de caráter constante. Os corredores de ônibus, já existentes, auxiliam bastante o escoamento do grande fluxo do transporte público.

Na Avenida 9 de Julho também foram realizadas intervenções ao longo de sua extensão que atinge 1,3 km aproximadamente. Foi construída, por quase toda sua extensão, uma ciclovia bem larga que ocasionou uma reconfiguração da avenida, modificando o canteiro central, realocado em diversos pontos, preservando as árvores existentes. Além disso, foram instalados decks de madeira com bancos no trecho ao lado do Parque Vicentina Aranha para os pedestres.

As intervenções que buscaram melhorar o escoamento do transito na área central da cidade, principalmente nestas avenidas citadas anteriormente, demonstram até o momento resultados semelhantes. O fluxo de veículos é mais intenso na Avenida São José, considerada a rota principal de saída da área central, com pontos de lentidão, tanto no período diurno quanto no fim do horário comercial, principalmente na altura dos dois principais pontos de ônibus da avenida, onde se encontram instalados dois semáforos. O corredor de ônibus é anterior ao projeto e auxilia bastante em uma melhor dinâmica do fluxo. Na Avenida 9 de julho, não há corredor de ônibus na altura das principais mudanças implantadas pelo projeto. O tráfego é bastante intenso em alguns momentos do dia e com ponto de parada no semáforo em frente ao Parque Vicentina Aranha. Nas duas avenidas, as intervenções pouco melhoraram a realidade da dinâmica apresentadas por elas. Na opinião de alguns moradores, as intervenções na Avenida 9 de Julho parece ter piorado a fluidez do trânsito.

A ciclovia que foi alargada e reformada nestes dois pontos se apresenta, até o momento, com resultado satisfatório no que se refere ao seu uso durante o dia e ao término do horário comercial. Fica bastante visível que elas se consolidaram como alternativa de transporte para as pessoas que se locomovem diariamente na região, principalmente pelos moradores da localidade e das áreas mais próxima, durante o dia.

Na Rua Rui Dória onde foi criado um “boulevard” a partir do alargamento da calçada, a movimentação de pedestres durante o dia é baixa e apenas de passagem, não tendo pessoas que utilizam os bancos instalados. A movimentação noturna é nula e o chafariz colocado em frente ao Cine Teatro Benedito Alves não estava em funcionamento em todos os dias visitados. Um aspecto relevante é que o Cine Teatro, que teve obras de revitalização desde maio de 2015, sendo reaberto

em 2016, consta como permanentemente fechado atualmente, não se configurando como ponto atrativo. De um lado existe um pequeno condomínio vertical e do outro um restaurante que fecha após o horário comercial.



Foto 7: Boulevard na Rua Rui Dória vazio durante a noite, ao lado o Cine Teatro Benedito Alves permanece fechado. O chafariz de chão não está em funcionamento. (Fonte: Milani, 2018)

A Travessa João Dias pode ser considerada, até o momento, como a intervenção com o resultado mais esperado descrito na justificativa do Projeto pela prefeitura. Com o novo nivelamento da área de passagem e a nova configuração da paisagem da travessa, com um espaço de descanso, as pessoas durante o dia, utilizam bastante essa passagem que liga a área comercial com a Avenida São José. No período noturno, entretanto, como a área comercial esta toda fechada, não há movimento de pessoas utilizando a travessa, exceto pelos moradores dos prédios existentes no local.



Foto 8: Travessa João Dias durante a noite. Bem iluminada porém sem movimento de pedestres. (Fonte: Milani, 2018)

A Praça Padre João possui um intenso fluxo de pessoas durante o dia devido a sua localização de passagem e de confluência entre importantes pontos do centro da cidade. Ao fim do horário comercial, inúmeras pessoas passam pela praça, em frente a Igreja Matriz em direção ao Terminal Central, de onde partem ônibus para todas as regiões da cidade. No período noturno, entretanto, pouco resta deste grande fluxo do dia, com os bancos da praça vazios e algumas pessoas indo em direção ao terminal de ônibus. Apesar de a nova iluminação ser de boa qualidade, não há atrativos para que as pessoas permaneçam nesta praça durante a noite, com exceção dos domingos onde há missa noturna na Igreja Matriz.



Foto 9: Praça Padre João vazia no período noturno. (Fonte: Milani, 2018)

Ao longo das Avenidas São José e Madre Tereza que compõem a orla do Banhado, muitas intervenções foram pensadas para promover um maior movimento desta área, pela população, principalmente no período noturno. A ciclovia, como citada anteriormente, parece ter conseguido atingir um bom nível devolutivo a população, que utiliza diariamente esta alternativa de locomoção na área central da cidade, com grande intensidade durante o dia. No período noturno, entretanto, o fluxo de bicicletas rodando pela ciclovia diminui drasticamente, às vezes com grandes intervalos entre uma e outra.

Os quiosques alimentícios, que poderiam ter a capacidade de aumentar a dinâmica local no contrafluxo do horário comercial, atualmente se mantêm fechados tanto durante o dia quanto a noite. Após a sua instalação, por um pequeno período eles funcionaram normalmente no fim de tarde e a noite, trazendo algumas pessoas para a orla do Banhado, mas este movimento não se manteve. Próximo a eles, existe um posto da Guarda Municipal que auxiliaria na segurança da região, questão bastante levantada pela população como justificativa para a falta de vida na área central no período noturno. Acompanhando os quiosques de comida, o posto da Guarda Municipal se mantém fechado nos dois períodos, talvez pela falta de demanda atual, visto que a população não frequenta os espaços próximos dele. As novas iluminações de LED, que completaria estes recursos de acolhimento das

pessoas no período noturno, estão em funcionamento ao longo de toda a avenida e melhoram o caminho e a espera dos ônibus pela população que transita pela área.



Foto 10: Quiosques alimentícios construídos na orla do Banhado fechados durante a noite. (Milani, 2018)

As outras estruturas como os novos bancos de descanso e os decks de contemplação voltados ao Banhado estão, até o momento, praticamente sem função. Durante o dia são raras as pessoas que utilizam destas estruturas, reservando um tempo para a contemplação da paisagem do Banhado. Ao fim do expediente comercial, o por do sol acaba por atrair um pouco mais as pessoas para a observação do considerado cartão postal da cidade. Entretanto, em grande maioria, as pessoas que se utilizam destas estruturas fazem parte do contingente de pessoas que trabalham na região central ou que já utilizam dos serviços e dos comércios. Os bancos e decks com mais gente utilizando, neste período, são os que se localizam próximos aos dois pontos de ônibus principais da Avenida São José; muitos observando a paisagem enquanto esperam suas respectivas linhas do transporte público. Mesmo aos finais de semana, quando o fluxo de pessoas aumenta na área comercial durante o horário de funcionamento, como o calçadão e o Mercado Municipal, ainda é bastante escasso a quantidade de pessoas que utilizam as novas estruturas instaladas ao longo da orla do Banhado.



Foto 11: Ao fim do dia, algumas pessoas contemplam o por do sol no Banhado na altura do ponto de ônibus principal da Avenida São José. (Fonte: Milani, 2018)

No período noturno o atual quadro se mantém. A orla do Banhado não é frequentada em toda a sua extensão. São raros os momentos de utilização, inclusive da ciclovia, bastante movimentada durante o dia. Nos pontos de ônibus, o movimento decai bastante assim como a frota de transporte público. As vans coletivas quase não são vistas neste período do dia. Os decks de contemplação e os bancos de descanso ficam extremamente vazios tendo poucos momentos de utilização, por jovens, de passagem. Como citado anteriormente, os quiosques construídos para o comércio alimentício na orla permanecem fechados assim como todos os comércios da avenida com exceção do restaurante Habib's, único ponto com relativo movimento de pessoas e veículos nesta área.

Estruturalmente, as obras funcionam desde o momento em que foram entregues, por exemplo, os bancos e os postes com iluminação de LED. Entretanto, o retorno à população até o momento pode ser considerado muito pouco, não alcançando os objetivos traçados pela prefeitura neste projeto. A população em geral frequenta o centro da cidade apenas durante o dia, na duração do horário comercial perpetuando o esvaziamento no período noturno. Curiosamente, o poder público atua de maneira contraditória na questão de ocupação do centro. Ao mesmo tempo em que são pensados projetos para atrair a população de forma geral para essa área da cidade, existe esforços para a remoção da comunidade do Banhado

desta localidade, demonstrando que há um perfil desejado da população que o poder público deseja atrair de volta ao centro.

3. DIREITO AO CENTRO DA CIDADE BASEADO EM CONSENSOS

3.1 O Projeto Via Banhado

O projeto denominado como Via Banhado foi proposto pela prefeitura de São José dos Campos em 2012 com o principal objetivo de desafogar o trânsito na região central da cidade (Prefeitura, 2012). A obra consiste na construção de uma via de aproximadamente 4 km de extensão, ligando a Via Norte à Zona Oeste, próximo aos condomínios desta região, onde o traçado da via passa por dentro da área de preservação do Banhado circundando a sua orla.



Figura: Traçado previsto da Via Banhado ligando a Zona Oeste á Zona Norte, passando pela Orla do Banhado no centro da cidade. (Prefeitura, 2012)

Apesar da rotatividade de comando político dentro da prefeitura de São José dos Campos, o projeto da Via Banhado é constantemente retomado com intuito de consolidar sua execução. As justificativas se mantêm inalteradas, sendo este projeto parte das medidas pensadas a fim de melhorar o trânsito, sobretudo em horários de picos, na região central da cidade, pois o deslocamento entre as regiões Oeste e Norte passa, necessariamente, pelo centro da cidade, com poucas opções de trajetos.

Devido ao seu traçado a Via Banhado vem sendo, desde 2012, alvo de diversas discussões de cunho ambiental e social, pelo fato de passar dentro de uma

área natural preservada e pela possível desapropriação das famílias que vivem no Jardim Nova Esperança, comunidade local que vem sofrendo, ao longo dos anos, uma grande pressão para sua saída.

Além dos problemas socioambientais que o projeto desta via carrega, a obra contradiz o Plano de Mobilidade Urbana de São José dos Campos (PlanMob), pensado em 2015, que pretende valorizar o uso do transporte público tornando-o “(...) mais atrativo frente ao transporte individual motorizado” e “mitigar os custos ambientais, sociais e econômicos dos deslocamentos de pessoas e cargas.” (PlanMob SJC, 2015), pois uma via expressa com saída para os bairros de condomínio fechados, pode contribuir para o enriquecimento do transporte individual.

3.2 Comunidade Jardim Nova Esperança

Segundo Rosa Filho (2002), a primeira ocupação da região do Banhado consta da década de 30 quando migrantes, com poucos recursos, atraídos pelo início do tratamento da tuberculose ou pela desestruturação da economia do sul de Minas Gerais, se instalaram na várzea desta área. Estes pequenos proprietários trabalhavam com a agricultura ou viraram vendedores ambulantes nas principais ruas da proximidade. (ZANETTI, 2010).

Com o auge da Fase Sanatorial e, posteriormente, com o desenvolvimento industrial da cidade, o número de pessoas residentes na porção urbana do município se elevou, levando a criação de novos bairros, ao adensamento dos já existentes e, consequentemente, ao aumento dos moradores da ocupação encontrada na área do Banhado. Localizada no declívio da paisagem natural logo abaixo da chamada Orla do Banhado, o Jardim Nova Esperança possuí mais de 80 anos de existência no mesmo local tendo famílias descendentes diretas dos primeiros moradores da localidade. Em grande maioria, as famílias residentes deste bairro possuem contato direto com a terra, alguns criando animais como porcos e galinhas, outros com pequenas hortas e cultivos.

Historicamente, o bairro passa por grandes pressões do poder público com o intuito de retirar as pessoas desta área, situação que elevou sua constância a partir de 2005 quando foi aprovada a ampliação e modernização da REVAP (Refinaria do Vale do Paraíba ou Refinaria Henrique Lages), refinaria de petróleo da Petrobras localizada em São José dos Campos. A partir da ampliação da planta produtiva da refinaria, a Petrobras concede o pagamento de aproximadamente 9 milhões oriundos da compensação ambiental, com a proposta de aplicação desta verba na unidade de conservação do Banhado. Entretanto, a pré-condição deste investimento seria a retirada dos moradores do local, transformando o Banhado em Unidade de Conservação Integral (Jornal O Vale, 2014). A partir desse momento, o bairro Jardim Nova Esperança se tornou alvo de diversas tentativas de remoções baseadas em questões ambientais e de segurança pública, principalmente na região central da cidade, visto que muitos moradores associam a falta de segurança dessa região com o bairro, conhecido popularmente como Favela do Banhado.

Além das tentativas de remoções diretas, as famílias da comunidade vêm sofrendo com ações que podem “motivar” a saída desta área, de maneira indireta, como o fechamento da UBS do bairro e a retirada da Escola Infantil¹. Atualmente, o núcleo da comunidade se encontra congelado pelo poder público, sendo proibida a compra, venda, construção ou ampliação de qualquer imóvel do bairro.

¹ FORUM PERMANENTE EM DEFESA DA VIDA. **O Futuro do nosso Banhado.** Disponível em: <<http://www.forumpermanentedefesavida.com.br/banhado.php>> Acesso em 2 de Novembro de 2018.



Foto 12: Placa da prefeitura próxima a entrada do bairro Jardim Nova Esperança (Fonte: Milani, 2018)

3.3 Consensos, contradições e segregação socioespacial

Quando olhamos para grandes operações urbanas colocadas em práticas em grandes cidades, podemos perceber como em sua maioria, as justificativas para os projetos executados são pautados em consensos costumeiros como segurança, preservação ambiental, melhora do trânsito, revalorização de áreas degradadas, valorização do patrimônio cultural, entre outros. Em Barcelona, por exemplo, a Olimpíada de 1992, foi um grande norteador para o projeto urbanístico na capital da Catalunha, de novas infraestruturas e restaurações urbanas para receber aquele evento global (ARANTES, 2002). Nas operações urbanas do centro da cidade de São Paulo, a justificativa de valorização do patrimônio cultural somada à ideia de maior segurança na região, resultou, por exemplo, na demolição da antiga rodoviária, encontrada em frente à Sala São Paulo, com objetivo de afastar os usuários de crack que se concentravam naquele local (ALVES, 2011).

Nas obras de revitalização do centro de São José dos Campos assim como no projeto da Via Banhado, estes consensos aparecem na ideia de segurança, de revalorização da área central da cidade e de melhora na fluidez do trânsito nessa região. Segundo Vainer (2002) “(...) o consenso não é o resultado do contraditório,

do confronto de interesses divergentes e de sua negociação; ele está posto, naturalmente, pelo compartilhamento de uma experiência urbana suposta comum e indivisível." Ou seja, para a população da cidade, em geral, são projetos que possuem justificativas e motivações plausíveis, benéficas e sem contestações para não acontecerem. Estes projetos, entretanto, revelam contradições dos próprios consensos utilizados para justifica-los.

A fim de revalorizar a área central de São José dos Campos, investiu-se em novas estruturas de passeios, iluminação e contemplação da paisagem natural do Banhado, em quiosques alimentícios que funcionariam no período noturno, além da reforma do Cine Teatro Benedito Alves para a retomada de eventos culturais, com o intuito de atrair a população para esta área da cidade. Ao mesmo tempo, a prefeitura tenta retirar uma comunidade presente na região do centro, com justificativas baseadas na preservação da paisagem natural do Banhado e na questão de segurança do restante da população, associando a comunidade com a criminalidade presente na região. Sobre a instauração desses consensos presentes no projeto, Alves explica que:

Constrói-se um consenso pautado pela existência de elementos que desvalorizam uma área (desde prédios abandonados ou degradados até a presença de população de baixo poder aquisitivo, ou mesmo sem poder aquisitivo) para, em nome da requalificação, projetar estratégias, que ainda que no discurso se coloquem em nome do bem social, tendem a favorecer grupos privilegiados economicamente, buscando afastar a população que, na mesma visão, "desqualifica" o local. (ALVES, 2011)

No projeto Via Banhado, a construção de uma via de ligação entre duas zonas da cidade é justificada pela possível diluição do intenso fluxo de automóveis na região central e apesar do traçado da nova via passar dentro da paisagem natural do Banhado, a questão ambiental se restringe apenas na permanência do Jardim Nova Esperança, como forma de fundamentar a retirada dessas pessoas do local.

De maneira contraditória, a produção de uma nova paisagem na região central da cidade expressa um possível processo de gentrificação com a tentativa de retirar os moradores de baixa renda e atrair outras parcelas da população para esta área. Requalificando novas estruturas para receber a população de fora e associando, por exemplo, a insegurança com a população local, como no caso da

comunidade, resulta em um processo de segregação dessa paisagem central, contrastando locais reformados e áreas beneficiadas com locais abandonados pela gestão pública e com pouca infraestrutura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prefeitura de São José dos Campos buscou por meio do projeto Novo Centro, atrair a população para a área central da cidade como forma de revalorizar os espaços do centro, sobretudo os espaços adjacentes ao mais famoso cartão postal da cidade, o Banhado. Restaurar o movimento noturno na orla do Banhado era um dos objetivos principais que nortearam o projeto, incentivando a construção de estruturas próprias para tal fim, além de reformar calçadas e postes luminosos ao longo deste ponto turístico.

Apesar das reformas e novas estruturas terem sido entregues à população, podemos concluir que, por enquanto, os objetivos pouco foram alcançados pelo projeto. A movimentação noturna na região é baixíssima, com poucos atrativos para a população no geral frequentar a orla do Banhado neste período. Os decks de contemplação pensados para observação da paisagem natural do Banhado são utilizados, de maneira tímida, no período em que o sol se põe e os boulevards criados pelo alargamento das calçadas ficam, até o momento, vazios.

O discurso de ações propostas para o centro da cidade de São José dos Campos se pautam pela requalificação, pela preservação do meio ambiente, pela segurança e pela melhora do transito na região. Entretanto, tais ações demonstram a intenção de prestigiar parcelas da população mais favorecidas em detrimento de outras, além de serem baseadas em consensos contraditórios entre si na tentativa de justifica-las.

O projeto da Via Banhado, por exemplo, visa construir uma via expressa ligando condomínios da Zona Oeste da cidade até o Via Norte, como forma de melhorar os engarrafamentos da região central. A via que possui um traçado pensado para circundar a concha do Banhado passaria por cima do bairro Jardim Nova Esperança que se encontra no local desde os anos 30. A construção de uma via expressa nesta área pode trazer um prejuízo ecológico ao Banhado no próprio processo de construção e posteriormente, na utilização diária de um grande fluxo de veículos por conta da poluição que será gerada. A preocupação ecológica não deslegitima o projeto da Via Banhado, mesmo que uma via expressa não seja compatível com uma área preservada, mas aparece nas constantes ações de

remoção das famílias do bairro que por diversas vezes, são justificadas pela preservação ambiental da paisagem natural do Banhado.

A respeito destas ações baseadas em discursos de revalorização das centralidades, Alves escreve sobre as Operações Urbanas do centro de São Paulo:

Com o discurso da requalificação, da limpeza da área dos perigos presentes (especialmente representados pela presença dos usuários de drogas, mendigos, sem teto e população de baixa renda que vive nos cortiços), o poder público, associado à iniciativa privada, consegue, por meio da mídia, apoio de boa parte da população paulistana que desconhece os protestos e a vida existente na localidade. Afinal, os "suspeitos" de atos de violência em geral são trabalhadores do setor formal e informal que trajam roupas simples, com fisionomia muitas vezes cansada. (ALVES, 2011).

Tal realidade pode ser observada nas obras de revitalização do centro de São José dos Campos na medida em que toda estrutura pensada para dar vida noturna ao local, ignora a população presente na região como é o caso das pessoas do Jardim Nova Esperança. Além do contraste construído na paisagem central onde se contrapõem estruturas novas e reformadas que buscam atrair pessoas para o local com a pouca estrutura de equipamentos sociais encontradas no bairro, definindo uma realidade bastante precária daquela população. Além disso, o processo de segregação social pode se consolidar com a remoção das famílias do bairro do Banhado, justificada pela falta de segurança que estes moradores, de menor poder aquisitivo, representam ao restante da sociedade que transita no centro.

Apesar do discurso se pautar na preocupação do bem-estar social, os projetos observados tendem a privilegiar certa parcela da população em detrimento de outras. As estratégias apontam para um possível processo de gentrificação do centro de São José dos Campos com a remoção da população de baixa renda dessas áreas a fim de promover uma requalificação desse espaço a fim atrair pessoas com maior poder aquisitivo. A disputa por espaço nesta região central é constante e gerará novos embates e resistências dentro da cidade.

Referências Bibliográficas

ALVES, G. A. **A requalificação do centro de São Paulo.** Estudos Avançados. São Paulo, v.25, n.71. Jan/Abr. 2011.

_____. **O uso do centro da cidade de São Paulo e sua possibilidade de apropriação.** 2010. 268f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

ARANTES, O. **Uma estratégia fatal: A cultura nas novas gestões urbanas.** In: _____, VAINER, C., MARICATO, E., **A cidade do pensamento único: desmascarando consensos.** Petrópolis: Vozes, 2000. p.11-73.

CARLOS, A. F. A. **Espaço – Tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana.** São Paulo: Contexto, 2001. 368p.

CASEMIRO, P. **São José 250: Sanatório ajudou a “divulgar” cidade e urbanizar o Centro.** 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiaba-regiao/noticia/sao-jose-250-anos-sanatorio-ajudou-a-divulgar-cidade-e-urbanizar-o-centro.ghtml>> Acesso em 09 de setembro de 2018.

COSTA, S. M. F. da., MELLO, L. F. de. (Org.). **Crescimento Urbano e Industrialização em São José dos Campos.** São Paulo: Intergraf, 2010. p.272, v.5

CORRÊA, R. L. **A Rede Urbana.** São Paulo: Ática, 1989. p.96

DEL OLMO, M. J. A., PAPALI, M. A., ZANETTI, V. **São José dos Campos e sua história.** Disponível em: <<http://www.camarasjc.sp.gov.br/promemoria/historia-sjc/>> Acesso em 18 de julho de 2017.

FORUM PERMANENTE EM DEFESA DA VIDA. **O Futuro do nosso Banhado.** Disponível em: <<http://www.forumpermanentedefesavida.com.br/banhado.php>> Acesso em 2 de Novembro de 2018.

FUNDAÇÃO CULTURAL CASSIANO RICARDO. **Preservação: Biblioteca Municipal, antigo Cine Teatro São José.** 2009. Disponível em: <<http://fccr.sp.gov.br/index.php/comphac-sp-27657/bens-preservados/3949-biblioteca-cassiano>> Acesso em 28 de outubro de 2018.

HARVEY, D. **Cidades rebeldes: do direito à cidade á revolução urbana.** Londres/Nova York: Verso, 2014. 285p.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana.** 3^a ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. P. 75-95

_____. **O direto à cidade.** São Paulo: Centauro, 2001.

MERCADO MUNICIPAL. **História.** Disponível em:
http://www.mmsjc.sitevale.com.br/_historia.html Acesso em: 28 de Outubro de 2018.

OLIVEIRA JÚNIOR, G. A. **Redefinição da centralidade urbana em cidades médias.** Sociedade & Natureza, Uberlândia. v.20, n.1, p. 205-220. Jun. 2008

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS. Prefeitura Municipal. **Plano de Mobilidade Urbana de São José dos Campos.** São José dos Campos, 2015. 244p.

ZANETTI, V. (Org.). **Fase Sanatorial de São José dos Campos: Espaço e Doença.** São Paulo: Intergraf, 2010. p.328, v.4